

COLÓQUIO

A OBRA, O PENSAMENTO *DE* *AMORIM DE CARVALHO*

**NOS 40 ANOS DA SUA
MORTE**

Porto e Lisboa, 6 e 7 de abril de 2016

AMORIM DE CARVALHO: APONTAMENTOS BIOGRÁFICOS, ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA PARA O ESTUDO DA SUA OBRA²

Senhoras. Senhores.

A Primeira Parte desta comunicação intitula-se: Apontamentos biográficos. Começarei, pois, por dar uma data e um facto. A data é a seguinte: 1976; e o facto dessa data é a morte de Amorim de Carvalho. Morte no exílio. Exílio voluntário, não por razões de contingência política. Exílio voluntário e definitivo – *supremo exílio*³ – pois fôra motivado na profunda incompatibilidade de Amorim de Carvalho com o ambiente mental do seu país, – ambiente mental que lhe tinha sido persistentemente hostil, resultando daí a marginalização do homem, o silenciamento organizado, sistemático, da sua obra. Era uma como que incompatibilidade genética – eu diria também: de raiz psico-sociológica, entre esse espírito elítico amoriniano e a pesada mentalidade-massa acrítica da pseudo-intelectualidade portuguesa. Quero focar aqui dois aspectos do exílio amoriniano: 1.º) Amorim viverá no exílio francês durante onze anos, instalando-se no estrangeiro com armas e bagagens; e 2.º) o expatriamento não abrandará, em nada, a intensa actividade criadora e de reflexão nos domínios do conhecimento que eram os seus. (Veremos, adiante, quais eles foram). Nessa fase do exílio, uma nota dramática: Amorim de Carvalho vai morrer implicando-se intelectualmente com o agonizar irremissível do país em que nascera. O espírito crítico do homem negado na sua pátria – pátria que ele abandonara sem a renegar –; esse espírito crítico e combativo ainda se manifestará (num protesto vigoroso contra a traição colectiva do exército no golpe de 1974), – ainda se manifestará (dizia eu) através da publicação de ensaios com fundamentação filosófica e numa obra inacabada – que ficará como símbolo do seu último arranco e do seu próprio esgotamento, acompanhando o desmoronamento do seu país – obra inacabada essa em que o pensador incluiu a teoria das elites já há muito sistematizada mas que ele conservara inédita. Ao expor a teoria das elites, o pensador quis sublinhar, em contraponto, o espectáculo deprimente do assalto às instituições políticas pelo homem-massa na sua máxima perversidade e inferioridade mental, representado, nesse trágico momento, pelos militares traidores e pelos traidores políticos que lhes iam sucedendo. A obra derradeira fôra redigida em francês – língua de comunicação universal – e recebera o preveniente título: *La fin historique du Portugal*⁴.

A fase de expatriação – concluída, como se viu, pela morte (imprevista, aliás) do filósofo – essa fase de expatriação sucedera a outra, igualmente bem delimitada biograficamente, que eu chamarei de transitória ou provisória. É o período em que Amorim reside na capital do Império e aí permanece por um tempo equivalente ao que seria o do exílio. Durante a residência na capital, ele viajará pouco para o estrangeiro, mas permanecerá por mais largos dias, com a família, em Paris, numa comovente antecipação da sua desde há muito desejada fixação na capital francesa. – Ainda mais algumas notas biográficas para este período lisboeta da vida de Amorim de Carvalho. Em 1963, Amorim participa (como convidado) no 1.º Encontro de Escritores de Angola que se realiza em Sá da Bandeira; nas suas numerosas intervenções, ele precisa conceitos fundamentais para a boa compreensão das problemáticas suscitadas pelos contactos sócio-culturais e seus complexos processos históricos; e as teses sustentadas ficam perspectivadas dentro daquela sócio-dialéctica bem amoriniana (de projecção marcadamente elítica) em que sai valorizada, sem dúvida, a superior *cultura de civilização* (neste caso, a euro-lusitana) em processo assimilador das *culturas de etnia*; suas comunicações, registadas nas actas do Encontro, estão publicadas e integradas nas *Obras reunidas de Amorim de Carvalho*. Amorim colaborava intensivamente na imprensa periódica, sobretudo a diária (as revistas culturais fechavam-lhe geralmente o acesso), – e

nessa imprensa diária publicava estudos que esgotavam certas temáticas de carácter filosófico ou estético, expondo ele o seu pensamento de modo muito sistematizado e aprofundado: nunca em Portugal, talvez, houvesse existido, por um tão longo período, na imprensa, um tão elevado nível de colaboração como esse que lhe dera Amorim de Carvalho durante sua permanência na capital do país; essa colaboração iniciara-se com o apoio decisivo de Joaquim Manso, o director do «Diário de Lisboa» e alargara-se aos principais diários lisboetas como o grande periódico matutino «Diário de Notícias», etc.⁵; desaparecido aquele director do «Diário de Lisboa», logo começou a insidiosa marginalização do ilustre pensador, nesse jornal, – mas pouco depois, Amorim abandonaria definitivamente o país⁶. – Mais uma pequena mas curiosa nota (ainda para este período lisboeta da biografia amoriniana): por decisão governamental, Amorim fôra nomeado vogal do Conselho de Programas da Emissora Nacional de Radiodifusão. Nessa ocasião, era recebido, com toda a cordialidade, por Marcello Caetano, então Ministro da Presidência no governo de Salazar. No entanto, logo na primeira remodelação parcial do Conselho, Amorim não foi reconduzido nas suas funções. O seu espírito crítico e independente, incomodava a direcção da Emissora – direcção onde o filósofo encontrava certa orientação cultural que ele considerou... desnacionalizadora.

Ora, a transferência da residência de Amorim de Carvalho para Lisboa em 1953, fôra precedida, alguns anos antes, no Porto, por um caso raríssimo e dos mais graves e talvez caso único na vida cultural dum país europeu: foi o assalto à revista «Portucale» de que Amorim era co-director – assalto perpetrado por uma tríade de malfeitores (Veiga Pires, João Pina de Moraes, Sebastião Pestana), – assalto cujo objectivo foi o de afastar, desse prestigioso periódico cultural, o nome de Amorim de Carvalho que nele se estava impondo já há muito. Por informações confidenciais posteriormente recebidas, Amorim ficara com a íntima convicção que o assalto à «Portucale» fôra executado no seguimento dum «*mot d'ordre*» (duma directiva) da maçonaria. Estava-se, de novo, confrontado, à sempre mesma oposição do homem-massa (vestido embora com as roupagens do intelectual) – oposição ao espírito elítico incarnado por Amorim de Carvalho. Era, mais uma vez, o agitar-se daquele pântano-reflexo do degradado ambiente mental criado pela pseudo-intelectualidade com tropismos gregários em que os grupos ou as três púrrias (como escreveu Amorim em carta de Paris para uma pessoa de suas relações residente em Portugal) – em que as três púrrias (a palaciana, a literária e a política) ora se desuniam ora se uniam abarcando transversalmente todas as tendências ideológicas, mas coesas e firmes na oposição a Amorim de Carvalho. Amorim respondeu à usurpação da «Portucale» com a fundação, no Porto, da sua própria revista a que deu um nome de alto simbolismo moral e intelectual: «Prometeu»⁷ – revista que foi, durante anos, um dos meios privilegiados por Amorim para expor as suas próprias teses, dando-lhe uma orientação clara, no sentido do seu pensamento, – abrindo-a a prestigiosos mas escolhidos colaboradores tanto nacionais como estrangeiros. (Note-se, em poucas palavras, que a revista «Prometeu» teve uma expansão quase universal, desde a China e o Viet-Nam até Santiago do Chile, passando pela Europa e América do Norte). Foi neste período em que Amorim permaneceu residente no Porto, que ele publicou, naturalmente, suas primeiras obras em livro. Eu considero que a maturidade mental do poeta-esteta-filósofo é atingida nos anos trinta. E se tivesse cabimento referir acontecimentos e datas precisas que indicassem nova fase na vida do poeta-pensador (nova fase que sucedesse à da formação e da maturação) – eu indicaria o período que vai da publicação (na «Gazeta de Matosinhos», em 1930) do ensaio *A forma na poesia* até à data da publicação (no jornal literário «O Diabo», em 1934) do estudo: *Os novos ritmos. A técnica como revelação da alma humana*. Amorim andava pelos 28 anos de idade. É neste primeiro período da já sua plena maturidade intelectual, – que ele se vê confrontado com os violentíssimos ataques contra o seu pensamento estético e, depois, confrontado com o silenciamento que a mentalidade gregária do modernismo ia organizando à volta do seu nome. As direcções das mais notáveis revistas culturais em que Amorim, num ou

noutro momento pôde colaborar, coarctavam-lhe ou negavam-lhe francamente a colaboração. Foi o caso das revistas «Pensamento», «O Diabo», «Seara Nova»... Dois factos curiosos. Em 1938, Amorim publica o livro *Através da obra do sr. António Botto. (Análise crítica)*. Ora, quando ele quis defender as teses da sua estupenda e inovadora obra de análise estética que rompia com as insanidades sustentadas por José Régio e outros, – Amorim viu regeitados os seus estudos de esclarecimento por uma revista em que colaborara, e teve que apelar para um periódico marcadamente esquerdista, comunista como dizia Amorim: era o «Sol Nascente» que lhe abriu sem reservas as suas colunas. Segundo caso: quando a revista «Pensamento» (revista socializante) excluiu Amorim da lista dos seus colaboradores literários, por razões puramente literárias, Amorim teve que apelar para um jornal da província «O Povo de Aveiro», dirigido por Homem-Christo (o célebre autor do *Banditismo político*) que pôs o seu jornal à disposição do intelectual portuense⁸. Deste ambiente pesadamente depressivo, vai crescendo, no espírito de Amorim de Carvalho, a aspiração de abandonar o país. Mas, sem grandes possibilidades financeiras, ele vai protelando o exílio, e foi-se, conseqüentemente, acomodando àquela situação transitória que correspondeu à sua residência na capital portuguesa.

Recuando agora aos mais longínquos anos da sua existência, oferece-me dizer que Amorim se inseria, pelo nascimento, numa linhagem nortenha de burgueses dos séculos 18 e 19, católicos, cristãos-velhos, com origens predominantemente minhotas e alto-durienses. As origens durienses deram-lhe uma próxima ascendência do norte da Espanha. A ancestralidade minhota dar-lhe-ia como bisavô o conhecido poeta ultra-romântico António Pinheiro Caldas⁹. É esta sua etnicidade (latino-setentrional fortemente arianizada) que Amorim muito valorizaria nas conversas de convívio familiar e com amigos. Para ele, é esse europeu étnico que fez desabrochar a inteligência na humanidade – inteligência e vontade de agir na humanidade e para a humanidade – o que se reflete, em sua obra, numa valorização do pensamento ocidental. – Amorim teve uma escolaridade perturbadíssima provocada pelas incessantes alterações de carácter financeiro na sua numerosa família. Recebeu inicialmente uma instrução marcada pela cultura anglo-saxónica, frequentando a Escola Anglo-Latina de Teixeira Rêgo. Com este muito conviveu. Teixeira Rêgo emprestava frequentemente, da sua própria biblioteca, ao jovem Amorim, os volumes da colecção *Bibliothèque de Philosophie Scientifique*; e em 1927, Teixeira Rêgo prefaciou o primeiro livro publicado por Amorim de Carvalho.

Foi, no entanto, Basílio Teles – esse materialista e helenista e *anti-semitista intransigente* – que exerceu a maior influência moral no espírito de Amorim de Carvalho. Basílio Teles (que foi muito amigo da família do futuro filósofo) deixou na sua alma uma marca indelével – não na formação do pensamento amoriniano *stricto sensu*, mas como exemplo – que Amorim seguiu – do homem de carácter, impoluto, de acusado espírito crítico e vigorosa combatividade.

Num *Ensaio de caracterologia social*, o médico-psiquiatra Borges Guedes dá-nos a somato-fisiologia de Amorim de Carvalho, que eu resumo. Morfologia e fisiologia: brevílneo, estatura meã, segmentos proporcionados, crâneo com perímetro sobre o grande, tensões arteriais baixas, tendência às extrasístoles, hipersensibilidade aos tóxicos; olhar vivo, penetrante, movediço, revelando algo de agressividade intelectual. Quanto à personalidade: alia as melhores qualidades para o conhecimento humano – profundidade e amplidão; sensibilidade poética, ideais sem fé, pessimista, olha os homens na pobreza dos seus ideais e na sua mesquinhez, daí o seu estado de irritabilidade, daí a antiga atitude crítica um tanto cáustica; tem da feminilidade a gratidão mais duradoira; rígido, inflexível, leal, construtor com ideais superiores, embora pessimista; pertence ao modelo de *homo-socialis*, pela integridade do seu carácter. Borges Guedes incluiu-o nos biótipos seguintes: asténico-pícnico e hipossuprarenal (das classificações, respectivamente, de Kretschmer e Pende).

Ao terminar estes apontamentos biográficos, posso bem afirmar que Amorim de Carvalho é, de facto, o paradigmático homem-elite da sua geração – o pessimista activo – na linha psicológica e mental de Alexandre Herculano e Basílio Teles¹⁰.

Passo agora à Segunda Parte da comunicação, que denominei: Orientação metodológica para o estudo da obra amoriniana.

Foi, pois, naquele ambiente deletéreo, atrás evocado, que Amorim de Carvalho realizou a sua imensa obra com essas características (de método e de orientação) que a generalidade da intelectualidade portuguesa... não conhece. Como é meu hábito, eu não vou referir (individualizando) as obras de Amorim de Carvalho, das quais, quase nenhuma citarei; nem resumirei nenhuma delas; também não cairei na inútil e pedantesca inflação de citações, explicitamente dadas, aparatosas, tirando delas efeitos expletivos para o meu discurso. Utilizando, no entanto, formulações amorinianas bem facetadas, úteis para avançar rapidamente na minha exposição, sem escamotear perspectivas que considero importantes, – eu irei expor, em firmes reflexões, o que considero: a orientação metodológica necessária à boa compreensão do pensamento amoriniano. Reduzindo progressivamente a distância focal ao perscrutar a obra amoriniana, – iniciarei esta parte do discurso com considerações muito gerais, mas não imprecisas, para prosseguir numa descrição mais particularizante de alguns dos aspectos daquela obra. Como a minha exposição será condensada – peço aos meus auditores especial atenção.

Começo, pois, com algumas observações de máxima generalidade que são:

1.^a) Amorim de Carvalho possui uma característica única na cultura de expressão portuguesa: é a de alargar o seu pensamento *lato sensu* aos seguintes domínios: – o da criação poética, – o da teoria estética literária, – o da teoria da estética em geral, – o da filosofia.

2.^a observação) cada um dos quatro domínios referidos toma, no conjunto da obra amoriniana, uma dimensão equivalente à dos outros, isto é, nenhum desses domínios se apresenta como acessório ou marginal – nem na extensão de seu tratamento por Amorim de Carvalho, nem na profundidade reflexiva ou criadora que o pensador lhe dedica. No entanto:

alínea a) nas três fases biográficas da sua maturidade intelectual, nunca Amorim deu predominância decisiva a um único daqueles domínios do conhecimento;

b) a reflexão propriamente filosófica não aparece ainda suficientemente explicitada no primeiro período biográfico da maturidade;

c) mas nos dois períodos posteriores da biografia amoriniana, os quatro domínios citados (criação poética, estética literária, estética em geral, filosofia) surgem com igual pujança;

e d) a criação poética ocorre como a mais regular afirmação do génio amoriniano.

Formuladas estas bases, eu quero agora chamar a atenção para três aspectos muito distintivos da obra amoriniana, considerada (ainda aqui) no seu conjunto:

1.º aspecto. No estudo do pensamento amoriniano, não se pode prescindir duma análise que há-de obrigatoriamente concluir no seguinte: esse pensamento apresenta uma estruturação em que cada um dos três primeiros domínios da sua obra, supra-citados, encontra o seu fundamento no domínio que se lhe segue (na ordem por mim indicada). Ora, em Amorim, dá-se o caso, aparentemente paradoxal, de o pensamento filosófico ser o último a receber plena explicitação – sendo, no entanto, este pensamento filosófico que serve de fundamento à teoria da estética em geral. Teoria esta que serve, por sua vez, de fundamento à estética literária e esta à criação poética. A axiologia filosófica vem garantir os valores estéticos, mas estes (ao serem explicitados) já estão prenhes daquela axiologia filosófica. (Note-se que, no pensamento de Amorim não há cisão entre conhecimento filosófico – ou científico *stricto sensu* – e conhecimento estético: ambos participam duma ontologia, fortemente alicerçada no conceito amoriniano de *valor real* ou de *Realidade* – duma mesma

Realidade à qual os três conhecimentos (científico, filosófico e estético) dizem respeito – sem cisão, insisto). Verifica-se, pois, no pensador, uma extraordinária prudência e exigência de clareza e de positividade bem maturada, para a exposição sistematizada e definitiva do pensamento filosófico que – insisto – nas suas linhas fundamentais, estava já, anteriormente, *in mente*.

2.º aspecto. O pensamento amoriniano apresenta-se, em parte significativa, muito implicado nos movimentos de ideias estéticas e filosóficas seus contemporâneos – ideias essas sustentadas tanto no estrangeiro como em Portugal. Considerando o ambiente predominantemente e pesadamente acríptico do seu país e no Ocidente em geral, no que ele considerou ser um pensamento degradado, pensamento-massa, ou contendo nele os germes da degressividade dos valores, – Amorim vai, num extraordinário esforço de orientação pedagógica, realizar, em parte, a sua obra, numa vigorosa análise crítica a casos concretos, individualizados, isto é, de análise às obras de autores vários e às correntes estéticas ou filosóficas.

3.º aspecto da obra. Ora, é neste atento estudo das ideias, das escolas e dos autores, que Amorim vai – e devo sublinhar isto – que Amorim vai expondo e desenvolvendo e construindo o seu próprio pensamento, – afirmando-se este numa filosofia e numa estética de conceitos e valores intemporais que é preciso saber extractar das respectivas obras. Surge, pois, nesta perspectiva da obra amoriniana, essa dialéctica ou diálogo íntimo entre o poderoso analista e o sistematizador de largas sínteses: diálogo esse que faz avançar a estruturação do seu próprio pensamento.

Concluída esta visão geral da obra, eu quero agora chamar a atenção para outras características muito próprias à obra amoriniana, – características já bastante particularizadas; e também chamarei a atenção para certos conceitos, – mas evocados (umas e outros), agora, de novo, e sucessivamente, naqueles quatro domínios sobre os quais incidiu, como já disse, o pensamento do filósofo. Tomá-los-ei na ordem inversa da que indicara, isto é, na ordem da fundamentação racional e ontológica – o que também já foi por mim explicado. Não pretendo tratar a matéria com exaustividade, pois ela não teria cabimento nesta comunicação que, caso contrário, se afastaria do projecto inicialmente anunciado.

Assim, começarei por abordar, nesta renovada perspectiva, primeiramente, o pensamento propriamente filosófico. Amorim definiu a filosofia: *ciência teórica, de síntese e problemática* (ciência porque sistema organizado de conhecimento e para o conhecimento; teórica, pois formula teorias; de síntese, porque essas teorias são alargadas a uma visão globalizante da Realidade; e de problemática, porque formulando interrogações, etc.). Claro que para Amorim a mais legítima filosofia deverá fundamentar-se, rigidamente, no verificado ou verificável (ciência *stricto sensu*), mas deduzindo também legitimamente para o inverificável em prudentes deduções que permanecem como meras hipóteses. É o seu conceito de *positivismo metafísico* ou de *metafísica positiva*. Aponte-se desde já que a noção de positividade toma em Amorim, uma acepção de absolutidade na relação de conhecimento – isto é, na relação conhecente-conhecido, – opondo-se Amorim, deste modo, com decisivas e importantes consequências filosóficas, – distanciando-se Amorim (dizia eu) do relativismo kantiano e do conceito de positividade em Augusto Comte que a essa positividade atribuía o sentido de relativo com o seu conceito de síntese ou redução subjectiva da Realidade. Para Amorim não há relatividade no conhecimento. A relação gnoseológica é absoluta nas condições mesmas da relação sujeito-objecto. Todo o conhecimento tem valor absoluto, porque o conhecimento é a Realidade mesma *superdeterminada* pela função gnoseológica (qualquer que seja o condicionamento psico-fisiológico que estabelece o que o filósofo chama de *relacionismo*). O conceito de *superdeterminação* ontológica significadora do Real – esse conceito é fundamental na filosofia amoriniana.

Ora bem. É neste domínio, no da filosofia, que se exige, do estudioso do pensamento de Amorim de Carvalho, a melhor atenção e subtilidade analítica: não só (quando for esse o caso) para discernir, no processo crítico, a exposição do próprio pensamento amoriniano, mas também, conseqüentemente, para entender a génese desse pensamento e as formulações acabadas ou sistematizadas. Exemplos: as noções de *absolutidade de objectividade do sou*, de *mononomia* ou *processo mononómico do Real* (de *dialéctica mononómica*, de *uma só tese*), – essas noções já vêm de longe e são retomadas mais tarde com sistematização superior. Outros exemplos: há toda uma ontologia que se expressa nos conceitos de ser (o ser em sua *fenomenologia imanente e transcendente*, *transcendente*, isto é, o ser *ex-se*, fora de si). E essa ontologia expressa-se, ainda, nos conceitos de *nada*, de *espaço*, de *tempo*, de *sobrexistência* e de *espacialização do sou* que o filósofo português desenvolve extensamente, – conceitos esses que, em contraponto, o filósofo opõe às noções e teses de outros pensadores, – conceitos amorinianos esses que o filósofo retoma e ordena e estrutura melhor em obras de sistematização. Há todo um trabalho exegético a fazer, que deverá considerar a radical oposição dos conceitos referidos (na filosofia amoriniana) às formulações que se encontram em Descartes, Kant, Clarke, no relativismo einsteiniano, no sistema de Alexander, em Alfred Whitehead, etc., etc. Do pensamento amoriniano recebemos um salutar, persistente e bem marcado anti-kantismo – por exemplo nessa grande objectivação do tempo e do espaço, – relacionadas a *transrealidade do tempo* e a *correalidade do espaço* com a impositiva *espacialização do sou*, isto é, da subjectividade pura.

Numa perspectiva de certo modo involutosa, de recolhimento ao acanhado meio lusitano, mais uma nota sugestiva: discutindo o problema da filosofia em Portugal, esclarecendo os conceitos de filosofia (pensamento organizado) e de *poesia filosófica*, Amorim tomou uma postura (firme, sistemática e fundamentadíssima) em absoluto distanciamento do inadequado misticismo da escola auto-intitulada da «filosofia portuguesa» que propunha um conceito de filosofia e uma interpretação do processo histórico-cultural português que Amorim considerou insustentáveis.

Mas voltando de novo a uma panorâmica de mais largo interesse, ainda dentro do domínio filosófico (mas já como transição para o estético) – quero realçar a notabilíssima *teoria das emoções*, com as explicações meticolosas dos mecanismos gnóseo-psicológicos da *emoção-choque* (*desintegração do conhecimento des-situado*) e da *emoção estética* (*situada no campo de integração da relação de conhecimento*), – teoria enquadrada por Amorim numa crítica aprofundada às teses dos outros filósofos.

Uma referência estrangeira, à guisa de parêntesis, para concluir este capítulo especificamente filosófico: o pensamento amoriniano (na filosofia – e na estética também) processa-se (segundo a formulação feliz dum autor francês, Jean Cassou) – processa-se (eu traduzo) numa «grande, numa minuciosa atenção aos raciocínios e às articulações que fazem o filósofo lentamente avançar». E é essa meticolosidade da análise e da argumentação que dá ao pensamento amoriniano aquela especificidade que não escapou ao professor francês.

Abordando agora rapidamente, em segundo lugar, o capítulo da teoria da estética em geral, – quero apenas referir dois casos importantes na sistematização do pensamento amoriniano (independentemente da teorização maior levada a cabo pelo filósofo na obra *De la connaissance en général à la connaissance esthétique*. Esses dois casos são:

1.º) *A teoria da perspectiva* – fundamentada no que Amorim denomina *a refração do campo físico tridimensional para o analogon bidimensional* – teoria essa que se apresenta como construção originalíssima baseada em atenta análise do mundo exterior, em estudo exaustivo que conclui para a *valorização objectiva e universal da perspectiva*. O estudo, por Amorim de Carvalho, da perspectiva – domínio do conhecimento raramente estudado e difícil

– esse estudo amoriniano da perspectiva dignifica (sem qualquer sombra de dúvida) o pensamento europeu.

O 2.º caso que eu quero aqui evocar é o que Amorim denominou *gnosestesia* e que o esteta foi formulando desde os anos trinta. Neste domínio relacionado com o conhecimento estético em geral, o filósofo sustenta que a emoção estética se realiza na adesão (Amorim deram-lhe a denominação inicial de *sòciopatia*), – na adesão aos *valores de realidade* (*valores reais*) pelo que esses valores são neles mesmos, como valores ontológicos com sua significação ontológica própria – o que redundava numa desvalorização de correntes estéticas que Amorim considera de *anomia estética* (*a* [negação grega] + *nomos* [lei, princípio organizador e significador]: *anomia estética*, sem significação estética). É patente que o filósofo toma uma postura divergente da *Einführung*.

Não me alargarei neste tema, nem noutros conexos, como o da relação entre situações ontológicas e ônticas-de-contingência na teoria da *amplitude das formas significantes* para uma estética objectiva onde Amorim estuda as bem difíceis problemáticas do gosto e do belo na arte. Teorias e teses – todas elas – com séria fundamentação filosófica que têm sido imperdoavelmente ignoradas em Portugal.

Passo agora (é o terceiro ponto) ao domínio específico da estética literária¹¹. Aqui, o pensamento de Amorim de Carvalho guinda-se a uma incomensurável importância no largo contexto das ideias de carácter estético em Portugal e na Europa. Incomensurável – disse eu – pela originalidade das teses em impressionante diversificação temática e sistematização – o que tudo constitui um *corpus* de pensamento estético único. É mesmo incómodo, para mim, tentar abordar em breves frases este capítulo do pensamento amoriniano, pois a variedade e a riqueza das teses expostas pelo pensador, obrigam-me a escamotear muitas das facetas que esse pensamento apresenta. Se a teorização pura da estética literária está, sem dúvida, na obra teórica de Amorim de Carvalho, – há no entanto que referir as teorizações e as teses expostas frequentemente em momentos de análise às correntes literárias e às obras de outros autores que o esteta estuda com a maior atenção. – É assim que Amorim, por exemplo, apresenta a teoria do que ele denomina *a crítica dogmática e científica*, cuja teorização já vem de longe – e que se apresenta em oposição ao *impressionismo crítico*, subjectivo, do modernismo que não soube nem podia propor qualquer teoria estética sustentável. Ao reflexo-massa gregário da *modernidade*, o esteta avança o conceito elítico de *actualidade permanente* (conceito este que se alarga, aliás, à estética em geral). – Amorim formulou a teoria do simbolismo e da simbolização, com profundidade e originalidade talvez únicas, nas literaturas europeias. É curioso notar que foi num estudo definitivo de análise estética sobre um poeta português da chamada «geração de 70», que Amorim (criticando banalidades, erros, incongruências de publicistas e escrevinhadores com pretensões a críticos literários) – é nessa ocasião que Amorim expõe a teoria da simbolização e a da *transmutação compreensiva* do pensamento filosófico e científico para o pensamento poético e vice-versa. Mas já nos anos trinta, o esteta abordara rapidamente este último assunto num ensaio sobre um poema seu¹². É este mais um caso, entre muitos, da sistematização de teorias e teses apresentadas em obras de análise rectificadora. – Talvez que (como escreveu o próprio Amorim) – talvez que, em nenhum outro país, o modernismo tivesse sido objecto duma crítica de contenção, com séria fundamentação estética e filosófica, como a que Amorim de Carvalho realizou em Portugal.

Mas há um capítulo do conhecimento estético em que Amorim surge com um relêvo ímpar: é no da versificação, mais particularmente, no da métrica. O esteta agiganta-se aí, como o grande teórico europeu do ritmo verbal acentual. Não adiantarei mais sobre esse imenso espaço da estética literária amoriniana, porque apresentarei, enquadrada neste Colóquio, uma comunicação específica sobre o ritmo acentual – assunto de indiscutível tecnicidade ignorada pela literacia portuguesa.

Abandonando a teoria da estética, resta-me focar o último domínio (dos quatro já referidos) sobre que incidiu o génio reflexivo e criador de Amorim de Carvalho. É a criação poética. Para não alongar demasiadamente esta comunicação, mas comunicação necessariamente longa para eu poder expor algumas ideias que a intelectualidade portuguesa (universitária ou não-universitária) desconhece em absoluto, – por esta razão peço que o auditório consagre uma muito particular atenção ao que vou agora dizer (utilizando eu – aliás como fiz em algumas passagens anteriores –, utilizando eu algumas expressões muito sintéticas de Amorim de Carvalho). Peço, pois, particular atenção ao que vou dizer de modo muito condensado mas onde expressarei a essência da poesia amoriniana e sua notável significação – quer se queira quer não – na literatura de expressão portuguesa.

Ora bem. 1) Se nós considerarmos as diversas características mentais que definem as compleições poéticas criadoras de largas formas poemáticas, de largo pensamento poético, em que se refletem as eternas inquietações humanas e universalistas e em que a poesia fica intimamente ligada ao pensamento para atingir ressonância épica ou filosófica numa concepção do mundo e da vida, conferindo aos poemas (pelos temas e teses de universalidade humana) o sentido duma poesia mundial, – se considerarmos tudo isso, Amorim posiciona-se na continuidade de Camões, Antero, Junqueiro e Pascoaes, entre os cinco grandes poetas de expressão portuguesa. 2) No entanto, em nenhum dos outros quatro poetas atrás citados, a poesia atingiu tão alta densidade filosófica aliada à beleza formal como em Amorim. 3) E, também, em nenhum outro poeta a problemática do amor teve a intensidade, a dimensão filosófica e a originalidade que Amorim lhe imprimiu. E, para concluir este aspecto fundamental da obra amoriniana, 4) Na criação poética, Amorim de Carvalho trouxe uma originalidade incontestável, uma beleza nova à literatura de expressão portuguesa, como o próprio Amorim não deixou de referir – e justificar – no *Depoimento para a história crítica do modernismo em Portugal*. – Mas a significação da sua poesia não pôde ser convenientemente apreendida no acriticismo que lhe fôra contemporâneo e que se prolonga no actual momento de ambiente intelectual inquinado pelo pensamento-massa do modernismo.

A tese minha, nesta comunicação, resume-se nisto: 1.º) Há uma *homologia* (termo cujo sentido fui buscar às ciências biológicas), – há uma *homologia* persistente, essencial, na obra amoriniana; quero dizer: na grande diversidade que essa obra apresenta (filosofia, teoria da estética, pensamento estético na literatura, teorização do ritmo verbal, criação poética), – na sua diversidade (dizia eu), a obra amoriniana apresenta evidente e rígida coerência e estruturação para um mesmo sentido interpretativo da Realidade. 2.º) Num país como o seu, sem tradição científica nem filosófica, o posicionamento de Amorim de Carvalho em impugnação (implícita ou explícita) das escolas filosóficas e literárias dominantes em Portugal (a da «filosofia portuguesa», a da «Presença», a do modernismo post-presencista), todas elas em ambiente acrítico, sectário e gregário, segregando oficinas massificadoras para propaganda fácil e indecoroso elogio-mútuo, – nesse contexto mental do país que foi o do poeta, esteta e filósofo que apresento, – Amorim de Carvalho tinha de ser premeditadamente silenciado, porque a simples exposição honesta da obra amoriniana redundaria já na negação implícita das medíocres ideias dominantes, redundaria numa imperdoável traição para o pensamento-massa dominador, redundaria afinal na abertura duma brecha no muro de silêncio levantado e mantido à volta do seu nome. (Aqui, uma nota sugestiva: a chamada «filosofia portuguesa», mística valorizadora de casos portugueses – muitas vezes enganadoramente portugueses – e frequentemente à busca de insignificâncias inconsequentes, é certo, – a escola da «filosofia portuguesa» não soube ou não pôde – por insuficiência ou por sectarismo? – valorizar, afinal, a extraordinária afirmação, originalíssima, dum pensamento português como

é o de Amorim de Carvalho; neste aspecto da questão, alinhou-se ela com as correntes modernistas ou contaminadas pelo modernismo acrítico que silenciaram sistematicamente a obra de Amorim de Carvalho – sendo, afinal, este pensador quem veio a construir as teorias modernas que aquele modernismo foi incapaz de formular, para uma séria teoria da estética e da literatura. São portanto falsíssimos os argumentos recentemente indicados¹³ como justificação da exclusão que tem envolvido o nome de Amorim de Carvalho. As verdadeiras razões que estão na origem dessa lamentável situação, são completamente outras e de duas naturezas. Primeiramente, é a organização premeditada do silenciamento da obra amoriniana – obra que era lida até ao desespero, mas silenciada pelos pensamentos-massa dominadores representados pelos movimentos modernistas e da «filosofia portuguesa», de que resultava, por animosidade anti-amoriniana, o afastamento, do ilustre intelectual, da imprensa, das páginas literárias, das revistas, da promoção cultural pelas entidades públicas e pelas fundações, – de que resultava o seu afastamento das casas editoriais, das universidades, etc.: e assim a obra amoriniana ia sendo, conseqüentemente, ignorada do público. O processo de exclusão dessa obra foi o seguinte: logo nos anos trinta, o ataque violento até ao insulto; mas como o esteta e o filósofo não deixava de apontar meticulosamente as graves incongruências, os erros, a incompetência dos seus opositores, – passaram estes à fase seguinte que foi a do silenciamento sistemático. Esse processo está, aliás, referido pelo próprio Amorim. E em segundo lugar – e cumulativamente a esse sectarismo – deve-se considerar, em significativa proporção e com os mesmos lamentáveis resultados, a ininteligência da generalidade da pseudo-intelectualidade portuguesa – ininteligência que lhe tem impedido o entendimento, o estudo sério do pensamento amoriniano – profundo e inovador)¹⁴. Fechado este parêntesis, passo ao 3.º ponto) Há nesta comunicação – e como o seu título indicou – a formulação dum método para o estudo concludente da obra amoriniana – método esse que exige particular perspicácia no esforço interpretativo, sem preguiça mental, sem a ôca obsessão prestidigitadora de suggestionar influenciadores ou inventar precursores, – método esse (repito) que exige capacidade analítica e sintética na compreensão do essencial e daquela *homologia* de que falei atrás. 4.º) Esta comunicação é também um apêlo às novas e às novíssimas gerações – possivelmente já sem inibições – para que rompam, em campo aberto, contra a deprimente mediocridade e a mesquinhez das instituições universitárias, das entidades chamadas culturais, das oficinas e capelas de compadrio, – esta comunicação é o apêlo para que os novíssimos rompam com a logorreia cansativa do universitário enfatuado que (com duas ou três excepções) tem sacrificado gerações sucessivas ao pensar abstruso e sectário que foi silenciando vergonhosamente o nome de Amorim de Carvalho no que este chamaria uma *anomia* cultural. Há, pois, toda uma *arquitectónica didáctica* a construir numa e para uma boa compreensão da obra amoriniana. Em exposição extremamente condensada, eu direi que o pensamento amoriniano é um processo teleológico do Real para uma chegada tética que está na Consciência individual (o *sou*) – a tese do Real posta na origem – num movimento dialéctico de uma só tese (*mononomia*) porque em oposição a um Nada que é o não-Real ou o menos qualitativamente real (pois que, dentro do Real não pode existir oposição tética fundamental). Ora esse *o mais real* que é a Consciência fica garantido – em hipótese – na *sobrexistência* individual que poderá inserir-se ou não num eterno-retornismo; em hipótese (disse eu), em hipótese pela *crença na lógica* – porque só nos é dado conhecer a realidade experiencial. A Realidade afirma valores – *valores reais* – numa axiologia estabelecida na *absolutidade da relação conhecente*: sujeito-objecto (ciência, filosofia, estética) e também no *conhecimento-sem-objecto* que é esse *conhecer-se-do-sou-a-si-mesmo-sendo* (*absolutidade de objectividade*): o *ser-sendo* num Tempo e num Espaço que constituem algumas das mais interessantes racionalizações do pensamento amoriniano. Não há, pois, em Amorim, nem teologias nem nomenologias – que, para o filósofo, não são de pôr. É na dolorosa existência (na sua pátria, na sua etnia, na sua humanidade), é no esforço penoso para pensar a verdade e

conceber a expressão do belo, é na inquietação dum donjuanismo quixotesco que o filósofo encontra as suas razões anti-solipsísticas. Ora, toda essa problemática está transmutada em expressão *não-discursiva* – isto é: em *idealidade (a ideia em idealidade)*, – toda essa problemática (dizia eu) foi transmutada na criação poética amoriniana que (como já disse) tomou forma numa das mais elevadas e belas poesias de pensamento, de expressão portuguesa. E 5.º) para terminar: Não é extemporâneo afirmar que se Amorim de Carvalho não tivesse estado presente no panorama cultural, na história literária, no pensamento estético e filosófico da sua época – isso resultaria num vazio, numa insuportável e definitiva – e definitiva – pobreza mental do século 20 português, – pela ausência dum posicionamento, duma faceta da inteligência que só Amorim de Carvalho, de facto, preencheu e sustentou.

Infringindo a regra que me impusera nesta comunicação, vou, alfim, citar muito explicitamente Amorim de Carvalho, numa frase-síntese onde o filósofo pugna pela moralização do pensamento em Portugal. Escreveu ele, em certo momento polémico da sua existência: «O que eu exijo hoje é, na essência, o mesmo que exiji ontem: o reconhecimento [...] de um sentido de transèpocalidade e de transnacionalidade de certos valores estéticos e filosóficos [...] na base de um esclarecimento crítico objectivo para a inteligibilidade do homem do nosso tempo, [para a inteligibilidade] da História e das nações no espaço do Mundo». Fim de citação.

Terminei.

NOTAS

¹ Fundador-administrador da Casa Amorim de Carvalho, estudioso da obra amoriniana, genealogista, proprietário florestal; jurista (Faculté de Droit et des Sciences économiques, Université de Paris), diplomata (Secrétaire des Affaires étrangères) aposentado.

² Conferência pronunciada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 6 de abril de 2016. – Transcrição *ipsis verbis* do texto manuscrito, ainda que sem as anotações enfáticas para o enérgico discurso que abriu, de facto, o Colóquio, logo após as apresentações da praxe.

³ Amorim de Carvalho usou a expressão «supremos exilados» referindo-se àqueles que, como ele, da pátria já «nada esperam» (poema *A comédia da morte*, soneto «Cruel o exílio dos que a dúbia estrela»). – Nesta comunicação-conferência utilizei certos conceitos, certas expressões muito sintéticas e lapidares, extraídas de diversas obras de Amorim de Carvalho, sem, no entanto, ter sempre indicado explicitamente (e referindo o seu autor) o início e fim das citações, de modo a não perturbar a correnteza, a fluidez, e, sobretudo, a vivacidade necessária a um discurso repleto de factos e de julgamentos (de Amorim de Carvalho e meus) que se apresentam como novidades no meio português persistentemente acrítico e abstruso. Por regra geral, indico, aqui, aqueles conceitos e aquelas expressões em itálico.

⁴ Portugal, no único sentido aceitável de *nação*, ou *nacionalidade*, ou *pátria* com sua conotação carnal (o querer viver em comum, com projecto comum, numa população, num espaço por ela apropriado) apontando para uma etnicidade (raça e cultura). (Um caso aparentemente divergente seria o da judiaria cosmopolita). Desde a publicação (em 1977) do livro de Amorim, que têm voga e recebem francas adesões certas falsas ideias, de expressão fácil, pela sua concisão, pela exemplaridade da formulação literária dos conceitos e, sobretudo, pelo prestígio (merecido ou não) de quem as formula ou divulga. Para o caso que nos interessa aqui, relevo, entre essas falsas ideias, a de que a pátria, a nação portuguesa, está lá onde se fala o português ou (formulada de forma ainda mais mística) a de que ela é mesmo a língua portuguesa. Subvertendo a noção de pátria ou nação, contribui-se, assim, para que as palavras se desautenticizem. Portugal, como pátria, como nacionalidade, deixou de ter significação no concerto das nações: numa perspectiva sustentavelmente humana, ficou concluído o seu ciclo histórico. Claro que o facto de alguns sustentarem (com argumentação ilegítima) a ideia de que Portugal (a pátria, a nacionalidade portuguesa) não está reduzido a irremissível insignificância – esse facto traduz o desesperado agarrar-se a uma ilusão (ilusão de existir numa continuidade nacional afinal já rôta para a significação que tivera como nação-elite): comovente compensação, eivada de misticismo, com raízes, sem dúvida, no insigne *passado histórico* português.

⁵ Amorim de Carvalho colaborou ainda, nesse período da sua vida, no «Diário Popular», «Diário Ilustrado», «O Cronista», «Jornal de Letras e Artes». Toda essa colaboração era remunerada.

⁶ Joaquim Manso morreu, creio, em setembro de 1956; a última colaboração de Amorim de Carvalho no «Diário de Lisboa» é de maio de 1959. Depois da morte de Joaquim Manso, a colaboração de Amorim acabou por ser colocada em páginas interiores do jornal.

⁷ Num comentário oral, neste Colóquio, Pinharanda Gomes afirmou ou insinuou que fôra a sugestão do *Prometeu agrilhado* de Basílio Teles, que levava Amorim de Carvalho a dar o nome do mítico herói grego à revista por ele fundada em 1947. Ideia abstrusa essa! O mito prometeico com sua conotação de rebeldia e independência moral, entrara na cultura europeia e contaminara-a de tal modo que foi por essa mesma impregnação cultural generalizadíssima que havia de vir, naturalmente, ao espírito de Amorim o nome de Prometeu para designar a revista que fundara nas condições e com a significação que se conhecem e que ele mesmo referiu logo no primeiro fascículo do periódico.

⁸ Vid., sobretudo, à volta deste assunto, mas, unicamente, a respeito de problemas de estética: Amorim de Carvalho, *Contra a mentira da «crítica» em Portugal*, publicado no Porto, Edição Marânus, 1940.

⁹ Como genealogista, interessei-me, naturalmente, pela ascendência de Amorim de Carvalho: na medida da minha disponibilidade, fui, nalguns ramos ascendentes, até ao século 16, preocupando-me em não dar apenas uma lista de nomes (o que não tem qualquer interesse), mas em fornecer dados biográficos e, a cada geração, indicar, com as mesmas preocupações, os colaterais dos antepassados directos de Amorim. – Observação à margem da genealogia amoriniana: em lugar de se aventarem fantasiosas considerações, vazias lucubrações, por exemplo, sobre a ancestralidade (espanhola? judia? cigana?) de Junqueiro, sobre o parentesco (hipotético) entre Amorim de Carvalho e Álvaro Ribeiro (assunto este pelo qual Amorim não mostrava qualquer curiosidade nem interesse...), – não seria preferível proceder a investigações, em rígidas bases científicas, que pudessem esclarecer, positivamente, a real ancestralidade de Junqueiro e Ribeiro? Se houvesse algum parentesco discernível (relativamente próximo, ou longínquo) entre Amorim e Ribeiro, seria isso pelas origens durienses daquele, creio eu.

¹⁰ As fontes primárias para a biografia de Amorim de Carvalho, encontram-se no Arquivo e na Livraria Antiga da Casa Amorim de Carvalho.

¹¹ Grave falha do Colóquio foi o de ter quase completamente escamoteado o pensamento estético-literário (nas suas formas teórica e de criação poética) de Amorim de Carvalho, – domínio imenso e originalíssimo da obra deste pensador. Essa falha (para cujo risco eu alertara, ainda em fase da organização do Colóquio), provém, afinal, predominantemente, duma situação a que infelizmente se estava irremediavelmente confrontado: a da impreparação dos literatos e universitários para entenderem e darem significado ao inovante pensamento estético amoriniano – impreparação essa (como já sublinhei em diversas ocasiões) resultante da pesada contaminação daquela intelectualidade pelos superficialismos modernistas, pelo que é fácil e geralmente recebido e aceite no ambiente degressivo do momento actual. Devo referir, no entanto, as minhas duas comunicações no Colóquio que ficam como marcas de excepção ao caso geral acima referido nesta nota.

¹² Refiro-me ao estudo *Contra a mentira da «crítica» em Portugal*, que, no entanto, só foi editado em 1940.

¹³ Cf. artigo de Paulo Samuel (*Amorim de Carvalho – um pensador portuense a (re)descobrir*) publicado em «As Artes entre as Letras», Porto, 30 de março de 2016. Se me refiro a este artigo (que não aponta para nada de validamente novo), é que sou de opinião de (em princípio) não deixar passar afirmações erróneas ou menos certas; porque, de contrário, essas afirmações, farão circular falsas ideias no meio intelectual do momento em que são emitidas com o grave risco de perdurarem nas épocas seguintes em que não serão facilmente rectificadas; a sua rectificação exigirá um vigoroso espírito revisionista, contra as ideias geralmente impostas ou aceites, – o que não é dado a qualquer um.

¹⁴ Se me refiro mais insistentemente aos gregarismos do modernismo presencialista e post-presencialista e da filosofia dita «portuguesa», é unicamente porque eles corresponderam à geração que foi a de Amorim de Carvalho, – não excluindo eu, como já afirmei, a persistência de um acriticismo resultado da influência nefasta daquelas escolas no ambiente mental português actual. Acriticismo teimoso que se tem manifestado em diversos momentos e a respeito da obra amoriniana de avaliação estética e filosófica (por ex.: sobre Botto, Junqueiro, Leonardo Coimbra, Bruno...), – teimoso porque (em face da poderosa construção argumentativa e sistemática amoriniana), não podemos admitir (como escreveu Amorim de Carvalho, e eu o cito de cor) um conjunto de afirmações parciais, sem construção intelectual que as valide, afirmações voluntaristas mas ingénuas porque ultrapassadas pela crítica sistemática a que já foram superiormente submetidas.